



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**FATORES QUE INFLUENCIAM NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS**

Anderson Torres de Araújo

**Campina Grande – PB
2016**

ANDERSON TORRES DE ARAÚJO

**FATORES QUE INFLUENCIAM NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Contabilidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. M.Sc. Manuel Soares
Silva

Campina Grande – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663f Araújo, Anderson Torres de
Fatores que influenciam na mortalidade das micro e pequenas empresas [manuscrito] / Anderson Torres de Araújo. - 2016.
29 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.

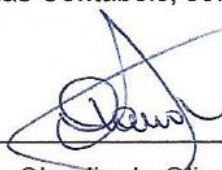
"Orientação: Prof. Me. Manuel Soares da Silva, Departamento de Ciências Contábeis".

1. Micro e pequenas empresas. 2. Mortalidade. 3. Administração de empresas. I. Título.

21. ed. CDD 658.022

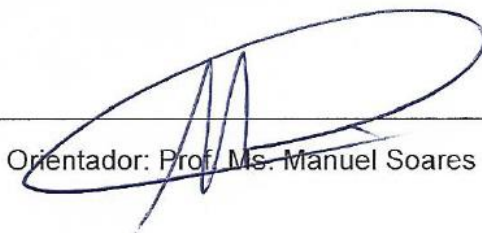
**FATORES QUE INFLUENCIAM NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS
EMPRESAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis, sendo aprovada em sua forma final.

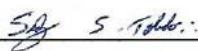


Prof. Ms. Claudio de Oliveira Leônico Pinheiro
Coordenador do Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Ms. Manuel Soares da Silva



Convidado: Prof. Ms. Sidney Soares de Toledo



Convidado: Prof. Ms. Allan Carlos Alves

APROVADO COM NOTA: _____

CAMPINA GRANDE - PB

2016

DEDICATÓRIA

Dedico sem restrições àquelas pessoas que souberam compreender-me e incentivar-me; todas essas pessoas poderiam ser mencionadas, mas não haveria espaço suficiente, enumerei a família, os amigos e os mestres, principalmente ao meu orientador: Manoel Soares da Silva. Mas, em particular, quero dedicar a Deus, pai misericordioso que guiou meus pensamentos para desenvolver minhas metas, a minha mãe, Zeneide, que me encorajou a prosseguir com mais vontade e firmeza até o fim e ao meu pai, Ronaldo, um companheiro excepcional que soube me entender e ajudar durante toda a caminhada. Somos simples quando afirmamos assim e na pureza da dedicatória repassamos nossos votos de imensurável gratidão. Esse trabalho é para vocês, obrigado.

LISTA DE TABELA

TABELA 1 – CLASSIFICAÇÃO DE EMPRESAS (NÚMERO DE EMPREGADOS)	15
TABELA 2 – CLASSIFICAÇÃO DE PORTE DAS EMPRESAS SEGUNDO A RECEITA BRUTA	16
TABELA 3: FATORES QUE AFETAM AS MPE'S	22
TABELA 4. AS CAUSAS MAIS COMUNS DE FALHAS NO NEGÓCIO	23

SUMÁRIO

RESUMO	7
1. INTRODUÇÃO	7
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	9
2.1 Caracterização da pesquisa	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 Empreendedorismo	10
3.2 Caracterização das MPES	16
3.3 Principais fatores limitantes do crescimento das micro e pequenas empresas	17
3.5 Sobrevivência e mortalidade	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
ABSTRACT	26

RESUMO

ARAÚJO, Anderson Torres de. **FATORES QUE INFLUENCIAM NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**, 2016. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Ciências Contábeis, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

Este estudo realizou-se através de uma pesquisa exploratória descritiva e pretende através de uma revisão bibliográfica identificar os fatores que influenciam a mortalidade precoce das micro e pequenas empresas (MPE'S), bem como sua sobrevivência no mercado. Para manter a empresa no mercado e continuar o ciclo de produção, crescimento e geração de emprego e renda ressalta-se a necessidade de melhor gerenciar os ativos dessas organizações como forma de ajudar para a continuidade dessas empresas. Entende-se que as micro e pequenas empresas exercem um papel fundamental na economia brasileira, elas desempenham um papel relevante na inclusão socioeconômica, destacando-se no acesso, na participação do desenvolvimento econômico e na oportunidade de empregos no país. Dessa forma, a pesquisa identificou vários fatores que podem conduzir as Pequenas e Médias Empresas ao fracasso prematuro, o qual, verificou-se que a causa da mortalidade ocorre devido a vários fatores associados que, acumulados, aceleram esse estágio, sendo os principais: incompetência do empreendedor; falta de experiência de campo; falta de experiência profissional; experiência desequilibrada, dentre outros.

Palavras-Chave: Microempresas. Mortalidade. Administração

1. INTRODUÇÃO

As micro e pequenas empresas exercem um papel fundamental na economia brasileira, elas desempenham um papel relevante na inclusão socioeconômica, se destacando no acesso, na participação do desenvolvimento econômico e na oportunidade de empregos no país.

De acordo com o Sebrae (2016) a participação das MPE's vem aumentando no Produto Interno Bruto (PIB), quando em 1985 esse indicador representava 21% do PIB, já no ano de 2001 passou para 23,2% e finalmente no ano de 2011 passaram a ter uma participação de 27%, demonstrando sua relevância na economia do País.

Sabe-se que as PME's são agentes pertinentes para a dinâmica econômica e empresarial do País. No que tange à gestão de empresas, particularmente de PME's, reconhece-se, muitas vezes, certo despreparo do empresário. Entende-se que um negócio nasce de uma boa ideia, de uma vontade, contudo, só isso não basta para o sucesso da empresa. É necessário que o empresário apresente algumas habilidades básicas de gestor (GRIFFIN, 2007). Porém, só a posse de certas habilidades gerenciais – embora extremamente importantes não seja suficiente.

Essa atividade empreendedora exige algo mais, isto é, uma atitude e um comportamento ético para com o seu empreendimento, bem como para com as pessoas e demais parceiros envolvidos direto ou indiretamente com o negócio. Esse “algo mais...” torna-se particularmente sensível do ponto de vista de sobrevivência da empresa, quando a atitude ética é negligenciada, esquecida ou mesmo deliberadamente deixada de lado pelo empresário, em especial no que tange a administração financeira, que, é um ponto muito delicado na gestão empresarial.

Segundo Oliveira (2009, p.293), finanças é a função das empresas que cuida da administração dos recursos financeiros – patrimoniais – e financeiros das empresas, com a finalidade de maximizar o seu valor de mercado e a remuneração de seus acionistas.

Assaf Neto e Silva (2009, p.37) atesta que “o objetivo básico da função financeira é prover a empresa de recursos de caixa suficientes de modo a respeitar os vários compromissos assumidos e promover a maximização de seus lucros”. Nessa mesma direção, Griffin (2007, p.480) aduz que a gestão financeira das empresas “é o controle dos recursos financeiros à medida que eles entram na empresa (receitas, investimentos de acionistas), são mantidos por ela (capital de giro, lucros retidos) e dela saem (pagamentos, despesas)”. Mais ainda, Griffin (2007, p.480) ressalta que “as organizações devem gerenciar suas finanças de modo que as receitas sejam suficientes para cobrir custos e gerar dividendos para os proprietários”.

Conforme o relatório “Fatores Condicionantes e Taxas de Sobrevivência e Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas no Brasil” realizado pelo Sebrae no ano de 2007, com dados de 2000 a 2005, nos estabelecimentos com até 2 anos de

existência a taxa de mortalidade empresarial foi de 49,4% no primeiro triênio (2000-2002) tendo reduzido para 22,0 % entre 2003-2005.

Isto posto, o presente estudo tem como objetivo geral: identificar os fatores que influenciam a mortalidade precoce das micro e pequenas empresas (MPE's), bem como sua sobrevivência no mercado. Para alcançar o tal objetivo, foram abordados os seguintes objetivos específicos: Discorrer sobre o empreendedorismo no Brasil; Apresentar as definições e conceitos de microempresa e empresas de pequeno porte, bem como sua importância; dissertar sobre os fatores que influenciam na mortalidade das microempresas e empresas de pequeno porte. Por meio de uma pesquisa bibliográfica em que fez-se um breve resumo dos principais conceitos teóricos, como a micro e pequenas empresas, empreendedorismo, dentre outros.

Dessa forma, entende-se que para manter a empresa no mercado e continuar o ciclo de produção, crescimento e geração de emprego e renda deve-se ressaltar a necessidade de melhor gerenciar os ativos dessas organizações como forma de contribuir para a continuidade dessas empresas.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Para elaborar um trabalho acadêmico faz-se necessário que o pesquisador tenha uma postura científica, isto é, possua uma atitude investigativa com relação ao modo de agir, observar e perceber os fatos que o rodeiam.

De acordo com Pinheiro (2003), é necessário que o investigador mantenha diante dos fatos um olhar interrogativo, questionador, duvidoso, apesar de que em alguns momentos entra em convergência com o objeto de estudo. A curiosidade do leitor tem que ser despertada tendo em vista o objeto de estudo a ser pesquisado, pois este é o ponto de partida para iniciar a pesquisa.

O objeto de estudo da pesquisa foi escolhido a partir alguns estudos anteriores, relacionados ao tema de mortalidade nas micro e pequenas empresas, que evidenciam o aumento no decorrer dos anos, das MPE's no cenário brasileiro. Demonstrando o quanto é importante a manutenção destas empresas para o País. O qual embasa-se em fontes de referências como o SEBRAE Nacional e SEBRAE – SP, o IBGE e o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) que firmam o objetivo de identificar

alguns fatores que influenciam a mortalidade precoce das micro e pequenas empresas (MPEs) e alguns meios de se evitar este acontecimento.

O trabalho realizou-se através de uma pesquisa exploratória descritiva. Segundo Gil (2002), este tipo de pesquisa proporciona uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito. O procedimento técnico a ser utilizado na investigação foi a pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida com base em material já elaborado. Quanto aos objetivos a pesquisa classifica-se como descritiva, tendo em vista que registraremos e descreveremos os fatos sem interferir neles. (GONÇALVES, 2005).

Assim, com essa breve exposição, apresentam-se as primeiras impressões sobre a problemática em questão através do estudo de autores que apresentam e discutem o tema. Tornando-se de grande relevância para demais pesquisadores interessados em debruçar-se no tema estudado.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Empreendedorismo

Pode-se conceituar o empreendedor como aquelas pessoas que conseguem fazer as coisas acontecerem. É um profissional dotado de sensibilidade para os negócios, e com capacidade de identificar oportunidades, transformando ideias em realidade, seja para benefício próprio ou para benefício da comunidade.

De acordo com Salles (2008) empreendedorismo é uma tradução da palavra *entrepreneursbip* é originada da palavra francesa *entrepreneur*, que significa aquele que assume riscos e começa algo novo. O termo empreendedor pode estar ligado diretamente ao indivíduo que se dedica a geração de riquezas, transformando suas ideias em produtos ou serviços.

Na visão de Hisrich (2009), o empreendedorismo é a capacidade de realizações de novos negócios, investir em novas ideias, gerando novas organizações lucrativas no mercado. Empreendedorismo não é uma característica de personalidade, embora seja algo distinto, tanto nos indivíduos como nas instituições empreendedoras. O empreendedorismo é tido como um comportamento ou um processo para iniciar e desenvolver o negócio ou um conjunto de atividades com

resultados positivos, portanto, é a criação de valores através do desenvolvimento de uma organização.

Isto posto, a figura do empreendedor se mostra no decorrer dos anos, como uma pessoa diferenciada dos demais, desde os tempos antigos, já se destacava como um indivíduo que pensava a frente, mesmo com recursos limitados, tentava converter suas ideias em algo que trouxesse ganhos pessoais.

Algumas vezes a figura do empreendedor foi confundida com administradores de empresas, por conta da semelhança existente no papel exercido por cada um, mas a maior diferença encontrada entre empreendedor e administrador, pode ser as oportunidades que o empreendedor enxerga, sendo um visionário e muitas das vezes correndo riscos. Por outro lado, o administrador é mais voltado para o planejamento, com foco nas organizações e ações conjuntas.

Segundo Dornelas (2011), nos tempos da Idade Média, empreendedor era o indivíduo que, através dos recursos disponíveis, gerenciavam projetos de produção. Chegando ao século XVII o empreendedor era a pessoa que enxergava a frente dos outros, visando oportunidades e assumindo riscos, como também, aqueles que realizavam acordos profissionais. A partir do século XX, iniciou-se uma confusão nos que se diz respeito a diferenciação dos empreendedores com gerentes ou administradores, sendo analisados como aqueles que fazem parte da empresa, planejam, dirigem e controlam as ações desenvolvidas na entidade, mas sempre a favor do capitalismo.

Ortigara (2006) destaca que o empreendedor é a pessoa que elabora uma combinação de recursos, fazendo com que determinado objeto se torne mais valioso do que antes. Segundo ele, o comportamento empreendedor possui algumas características, como indivíduo que organiza mecanismos sociais, econômicos e um indivíduo que toma iniciativa, a fim de transformar recursos e situações para proveito prático e que aceita o risco ou o fracasso.

De acordo com Dornelas (2011, p. 37)

O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais. [...] O empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados. Em qualquer definição de empreendedorismo encontram-se pelo menos os seguintes aspectos referentes ao empreendedor, iniciativa para criar um novo negócio e paixão pelo que faz; aceita assumir os riscos e a possibilidade de fracassar

e utiliza os recursos disponíveis de forma criativa transformando o ambiente social e econômico onde vive.

Conforme Srour (2013) o empreendedor tem uma visão mais apurada, onde ele consegue visualizar as necessidades e atende-las de forma inteligente. É o profissional que vê nas dificuldades existentes, uma oportunidade de gerar dinheiro executando suas ideias, envolvendo-se completamente no seu negócio, gerenciando conforme as oportunidades vão surgindo.

Srour (2013) completa dizendo que as características essenciais para todo administrador é a liderança e o empreendedorismo. Onde a motivação move o indivíduo a agir de determinada maneira, explicando seu comportamento.

Três características são essências para o espírito empreendedor, facilidade para lidar com negócios, conhecimento financeiro e capacidade para identificar oportunidades. Incorporando essas características, o empreendedor coloca em prática suas ideias, visando obter ganhos pessoais e benefício para a comunidade. Chiavenato ainda completa dizendo que o alto nível de criatividade e energia, combinados com a perseverança e a imaginação, propicia transformar ideias simples em algo bem-sucedido no mercado (CHIAVENTATO, 2008)

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, diz que o empreendedor é o indivíduo que busca desenvolver uma relação diferenciada com o mundo, através das características pessoais, favorecendo sua criatividade com propósito de buscar ganhos econômicos e sociais.

É nas décadas de 80 e 90 que o empreendedorismo começa a ganhar uma maior força, nessa época foram criadas algumas instituições, como o SEBRAE, que começaram a ajudar os empresários a montar seus negócios, dando suporte, oferecendo consultorias para resolver os problemas e buscando a legalização das empresas.

Segundo Dornelas (2011) somente no ano de 1990 que o empreendedorismo começa a ganhar força no Brasil, com a abertura da economia, proporcionando a criação de instituições como SEBRE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software). Anterior a isso o termo empreendedor era praticamente desconhecido e a criação de empresas era bastante limitada, em função da situação política vivida no país.

Conforme Salles (2008) o SEBRAE é uma instituição bastante conhecida entre a classe dos empresários brasileiros, que tem como finalidade oferecer suporte

para os pequenos empreendedores, ajudando a tirar dúvidas frequentes, na abertura de empresas e acompanhando em consultorias, solucionando problemas no empreendimento.

SOFTEX foi criada com objetivo de aumentar o mercado de software, incentivando a exportação e a produção nacional, para que esse objetivo fosse alcançado, foi criado projetos para capacitação em gestão e tecnologia dos empresários (SALLES 2008).

A criação de instituições, que oferecem suporte aos pequenos empresários, contribuiu de forma direta para o crescimento do empreendedorismo no Brasil e para a expansão da economia. O suporte que é oferecido por elas, faz com que administrar uma empresa se torne mais fácil, pois as ferramentas disponíveis e o suporte encontrado nos tempos atuais, são maiores do que as que existiam anteriormente a essas instituições.

No Brasil, o empreendedorismo começa a ganhar um destaque maior por parte do Estado e dos setores privados, se revelando como um incentivador da economia, buscando evoluir dos modelos tradicionais para modelos mais dinâmicos, onde empresas incentivam diretamente em atividades empreendedora, parte que seria destinada ao pagamento de impostos (ERCOLIN, 2007).

Conforme pesquisa realizada pelo GEM (2013) o número de empreendedores tem crescido na economia, estima-se que 40 milhões de brasileiros, entre 18 e 64 anos estejam envolvidos na atividade empreendedora. Outro dado importante da pesquisa foi a constatação do número de mulheres empreendedoras, que superou a proporção dos homens, sendo 52,2% contra 47,8% respectivamente

O empreendedor cria e constitui algo a partir de muito ou quase nada. “O empreendedor movimenta os recursos econômicos de um setor de menor produtividade para outro de maior produtividade e melhor rendimento” (CHIAVENATO, 2009). Esse autor, ao citar Baptiste Sey (1763-1832) informa que o que leva o empreendedor a agir é gerar novos recursos. O bem definido, ou seja, o lucro, por meio de oportunidades de negócio, monta e coordena novas estratégias com o objetivo de melhorias e benefícios para realização de suas próprias metas no negócio.

Os empreendedores não precisam ser inventores e sim criativos, precisam estar em processo contínuo de exploração, aprendizado e melhoria para o mercado e sociedade. Aponta DRUCKER (1999, P.47) “tampouco o empreendedor é um

capitalista, embora ele naturalmente precise de capital como qualquer atividade econômica”. Para transformar um sonho em realidade capitalista, criatividade, coragem, e realização pessoal, o empreendedor identifica oportunidades no mercado, possui uma sensibilidade financeira e negócio para fazer da sua ideia um fator econômico, em seu benefício e realização pessoal.

Portanto, esse conceito citado acima abrange vários aspectos sociais como desenvolvimento social, auto sustentabilidade, qualificação e integração social de jovens e adultos, promoção de saúde, esporte, lazer e recreação da sociedade.

Na ideia de De Mori (2005, p. 125) “o empreendedorismo é o processo de iniciar um empreendimento, organizar os recursos necessários e assumir as recompensas e os riscos associados”.

Empreendedorismo empresarial é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, leva à transformação de ideias em oportunidades, e a perfeita implementação dessas oportunidades, leva à criação de negócios de sucesso. O significado de empreendedorismo no setor empresarial é arriscar, começar algo novo, assumir riscos e recompensas. Isso determina um empreendedor empresarial.

Para Chiavenato (2009), empreendedorismo é a criação de valor por pessoas e organizações trabalhando juntas para programar uma ideia por meio da aplicação de criatividade, capacidade de transformar e o desejo de tomar aquilo que comumente se chamaria de risco.

Esse empreendedor é motivado pelo lucro, com a visão de que o mercado possa pagar pelo seu produto ou serviço e os investidores na expectativa de ganhar algum lucro financeiro ou pessoal. Brito (2005) assevera que “o empreendedorismo privado é individual, voltado à produção de bens e serviços para o mercado e visa satisfazer as necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades de negócio. Sua medida de desempenho é o lucro”.

Pensar um cenário para um novo nicho ou a melhora de um já existente, sendo ele, produto ou serviço, é papel do empreendedor, assim como visar à competição empresarial e tornar uma marca conhecida no ramo. Atingir a todos os públicos e todas as classes são uns dos principais objetivos para um empreendedor. A ideia de empreendedorismo é a inovação, criar coisas novas, entretanto não se restringe apenas a isso. Uma pessoa que monta seu próprio negócio e tem a expectativa de sucesso, por mais que não inove, não deixa de ser um empreendedor.

Muitas pessoas hoje têm vontade de montar o seu próprio negócio, seja pela necessidade ou por uma nova oportunidade que acredite que dê certo. No entanto, a concorrência é grande, o mercado é difícil e para progredir no negócio, o indivíduo de alguma forma tem que se destacar, tem que ser um bom empreendedor. O que caracteriza um bom empreendedor de sucesso é aquele que não se cansa de observar, procurando novas oportunidades.

Hisrich (2009) descrevem que o empreendedor, na visão dos economistas, são indivíduos que combinam recursos, trabalho, materiais e outros ativos para se auto valorizarem, tendo como característica a introdução de mudanças e inovações. Os psicólogos, por sua vez, asseveram que essas pessoas possuem a necessidade de obter ou conseguir algo; experimentar; realizar ou de livrar-se de autoridade alheia.

O empresarial tem como diferença seu objetivo na intenção de obter lucros para empresa e seus acionistas, sócios e colaboradores com o objetivo de atingir o maior e melhor resultado no mercado, de forma positiva e econômica.

De acordo com Chiavenato (2009, p.34):

Para convencer investidores a apostar, o empreendedor precisa de pelo menos um trabalho bem-sucedido e o investidor deve assumir riscos, bem como avaliar a credibilidade de seus candidatos a empresários, junto com o potencial e impacto da obra a realizar-se.

Segundo Ercolin (2007), o termo empreendedorismo, até um passado recente, era utilizado para designar o empreendedorismo privado ou empresarial. Considerava-se uma redundância utilizar o termo completo, pois esta estava atrelada às atividades de mercado, que visam lucro, nos moldes mais convencionais da economia capitalista. A mudança nos paradigmas e a emergência do empreendedorismo social, já tratado anteriormente, obrigaram a utilização da designação completa.

Tendo como diferença primordial o compromisso social, e assim se distingue o empreendedorismo sem responsabilidade social. Como afirma Cunha (2005, p. 5).

É aquele no qual um indivíduo cria uma empresa apenas ganhar dinheiro. O seu principal objetivo é ter lucro. Além disto, o lucro deve ser obtido a todo custo, independente das consequências sociais. Este empreendedor atua segundo, e estritamente, a partir da "ética do lucro". Este tipo de empreendedorismo tem sido apontado como uma das principais causas dos problemas éticos (principalmente corrupção) e socioambientais dos países capitalistas.

Chega-se então a conclusão da existência de um terceiro tipo de empreendedorismo, o empresarial com responsabilidade social, na qual o empreendedor “(...) busca equilíbrio entre a acumulação de riqueza e a resolução dos problemas sociais. A empresa tem como um dos objetivos o lucro, mas também procura agir com responsabilidade social. (CUNHA, 2005, p. 6) ”.

3.2 Caracterização das MPES

Para que uma empresa possa ser classificada como pequena ou média empresa, torna-se necessário a adoção de critérios para sua caracterização. Dentre os vários critérios que possibilitam caracterizar as pequenas e médias empresas, pode-se destacar o critério da receita bruta, que é utilizado pelo governo federal, estadual e municipal, e o número de pessoal ocupado, que é utilizado pelo Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Desta forma, o critério de classificação utilizada pelo sistema SEBRAE, que classifica como micro, pequena, média e grande empresa, as empresas que se enquadram dentro nos parâmetros encontrados no Quadro 1, pois o mesmo mostra-se adequado para os fins que este trabalho se propõe.

Tabela 1 – Classificação de empresas (número de empregados)

	Microempresa	Pequena empresa	Média empresa	Grande empresa
Industria/Construção	Até 19	De 20 até 99	De 100 até 499	Acima de 499
Comércio/Serviço	Até 09	De 10 até 49	De 50 até 99	Acima de 99

Fonte: Sebrae (2016).

Vale a pena destacar que o SEBRAE, assim como os censos econômicos do IBGE, considera como pessoas ocupadas aquelas que recebem remuneração independentemente de ter ou não vínculo empregatício. A tabela 2 apresenta a classificação pela Receita Bruta.

Tabela 2 – classificação de porte das empresas segundo a receita bruta

Faturamento Bruto Anual	Micro Empresa	Pequena Empresa	Média Empresa	Grande Empresa
Em R\$	Até 360.000,00	De 360.000,00 Até 3.600.000,00	Acima de 3.600.000,00	Acima de 3.600.000,00

Fonte: Sebrae (2016).

Dornelas (2011) aponta alguns dos aspectos qualitativos que caracterizam a micro e pequena empresa quanto à administração geral, financeiro- contábil e mercadológica. No que se refere à administração geral, os sistemas de organização e administração são tradicionais, concentrado nas funções do proprietário administrador e dos membros de sua família. Em geral, a pouca especialização dos diversos cargos administrativos, e as relações internas e externas da empresa são do tipo essencialmente pessoal. O elemento humano é pouco qualificado, o que resulta em programação pouco eficaz da produção e falta de integração desta com outros setores ou departamentos da empresa, refletindo-se também na ausência de um sistema de informações para tomada de decisão na organização.

Para Solomon (1986) é difícil, senão impossível, caracterizar a pequena empresa em virtude da grande diversidade dessas organizações. Em termos gerais, a pequena empresa caracteriza-se pela tenacidade econômica, muitas horas de trabalho, disposição para enfrentar tempos difíceis, energia pessoal e capacidade de iniciativa. Normalmente opera em um só local; atua em setores nos quais encontra menos entrave; dispõe, provavelmente, de pouco capital; na administração é essencialmente pessoal; o quadro de pessoal é, geralmente, formado por membros da família. Quanto menor for o negócio, mais informal será a contabilidade, na qual os recursos comerciais e pessoais confundem-se.

3.3 Principais fatores limitantes do crescimento das micro e pequenas empresas

Em relação aos fatores internos, destaca-se à administração da empresa como um dos mais importantes. Uma pesquisa realizada pelo SEBRAE/Nacional (2008) evidenciou que, entre as microempresas, 40% não utilizam práticas de planejamento de produção; 45% não fazem levantamentos de custos; 47% não

controlam estoques; 50% não adotam práticas de planejamento de vendas; 60% não fazem controle da qualidade; 65% não empregam métodos de avaliação; 75% não utilizam “layout” planejado, e 80% não treinam seus recursos humanos.

A falta de um processo de planejamento e controle adaptado às características e necessidades das MPE's não permite uma distribuição coerente do trabalho, inviabilizando, ainda, o controle de estoques, de qualidade e do processo produtivo.

Finalizando, pode-se perceber que a reduzida capacidade empresarial dos dirigentes das PME's, aliada a falta de mecanismos de gestão adaptados às necessidades das mesmas, inibem uma administração coerente, que aliada à excessiva centralização das decisões, comprometem consideravelmente a dinâmica de funcionamento dessas empresas.

3.4 Importância das micro e pequenas empresas

As Micro e Pequenas Empresas possuem um papel de fundamental importância na conjuntura econômica dos países sendo que, o estudo deste setor, tem como objetivo principal a criação de instrumentos que auxiliem o desenvolvimento das mesmas e, conseqüentemente, dos países.

Moreira (2009) mostra a tendência de que, as grandes empresas, passado um período de fusões e absorções que pareciam apontar para um mundo dominado por gigantescas corporações, preocupam-se agora em reduzir seu tamanho e adquirir, assim, maior flexibilidade e competitividade.

É especialmente importante, na atual conjuntura brasileira - marcada por profundas transformações na estrutura produtiva – a alternativa oferecida pelas pequenas e médias empresas, no que concerne à geração de empregos. Têm contribuído, significativamente, para desconcentrar a renda e absorver amplos contingentes migratórios liberados, principalmente, pela mecanização da economia rural. E diante do acelerado processo de automação industrial, que a cada ano elimina centenas de milhares de postos de trabalho, são elas a alternativa mais viável de absorver os trabalhadores e oferecer-lhes novas perspectivas de progresso.

Conforme Ercolin (2007) não existe uma definição única sobre a delimitação das micro e pequenas empresas, o que se pode observar é que tanto no aspecto da legislação, como por parte das instituições financeiras, existe uma grande variedade

de critérios para que se possa chegar a definição do porte de uma empresa. Porém no Brasil, a classificação mais utilizada é sobre o faturamento anual, o número de pessoas que fazem parte da entidade ou em ambas.

O princípio constitucional da igualdade diz que para que haja equilíbrio, deve haver tratamento diferenciado com as pessoas que se encontram em condições de desigualdade. Portanto, na atividade empresarial constatou-se que as empresas de pequeno porte não poderiam ser tratadas da mesma forma que as empresas de grande porte, pois as empresas de menor porte possuem uma capacidade econômica menor e por esse motivo não conseguiriam competir no mercado, sem determinados incentivos.

A necessidade de um tratamento diferenciado, fez com que fosse aprovada a Lei Complementar 123/06 que favorece as micro e pequenas empresas por parte da União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Pode-se identificar o tratamento diferenciado logo no art. 1º da lei, que basicamente diz:

- Apuração e recolhimento de impostos e contribuições, mediante regime único de arrecadação, incluídas as obrigações acessórias;
- Cumprimento de obrigações trabalhistas e previdenciárias, incluídas as obrigações acessórias e;
- Acesso a crédito e ao mercado, bem como, preferência nas aquisições de bens e serviços pelos poderes públicos, a tecnologia, ao associativismo e as regras de inclusão;

A Lei Complementar 123/06 ainda fala quanto ao enquadramento como microempresa e pequena empresa. A lei diz que microempresa é aquela que tenha auferido, em cada ano-calendário, a receita bruta igual ou inferior a R\$ 240.000,00 e pequena empresa aquela que tenha auferido, em ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 240.000,00 e igual ou inferior a R\$ 2.400.000,00.

Porém com o passar dos anos a economia do país obteve um crescimento bastante considerável, os empreendimentos de menor porte começaram a faturar mais, fazendo com que os valores originalmente da lei se tornassem defasados. Portanto a Lei Complementar 123/2006 foi alterada pela Lei Complementar 139/2011 modificando os valores da receita bruta para o enquadramento como microempresa e pequena empresa. Portanto os critérios para enquadrar-se como microempresa e pequena empresa, de acordo com a Lei Complementar 139/2011 são basicamente os seguintes:

- Microempresa: ser empresário, pessoa jurídica e que tenha auferido, em ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00.
- Pequena Empresa: empresário, pessoa jurídica e que aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00.

Outro critério bastante utilizado para a definição do porte de uma empresa é a baseada no número de empregados. Conforme o Sebrae (2006) considera microempresa de comércio e serviço aquelas que possuem até nove empregados, enquanto que no setor industrial, considera-se microempresa aquela que possui até 19 empregados. As pequenas empresas também são divididas em dois setores comércio/serviço e indústria, considerando no setor de serviços/comércio aquelas empresas que possuem de 10 a 49 empregados, como pequena empresa e no setor industrial, considera-se pequena empresa aquelas que possuem de 20 a 99 empregados.

As micro e pequenas empresas exercem um papel fundamental na economia brasileira, elas desempenham um papel relevante na inclusão socioeconômica, se destacando no acesso, na participação do desenvolvimento econômico e na oportunidade de empregos no país. Segundo o Sebrae (2014) a participação das MPE's vem aumentando no produto interno bruto (PIB), quando em 1985 esse indicador representava 21% do PIB, já no ano de 2001 passou para 23,2% e finalmente no ano de 2011 passaram a ter uma participação de 27%, demonstrando sua relevância na economia do país.

Pela definição do Sistema de Contas Nacionais, o SEBRAE (2014, p.18) aduz:

O Produto Interno Bruto - PIB, a preços de mercado, mede o total dos bens e serviços produzidos pelas unidades produtoras residentes, destinados ao consumo final, sendo equivalente à soma dos valores adicionados pelas diversas atividades econômicas acrescida dos impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos. Por outro lado, é também equivalente à soma das rendas primárias.

Alguns estudos anteriores, relacionados ao tema de mortalidade nas micro e pequenas empresas, evidenciam o aumento no decorrer dos anos, das MPE's no cenário brasileiro. Demonstrando o quanto é importante a manutenção destes empreendimentos.

Para Dos Santos (2006) o número de micro e pequenas empresas cresceram de 2.956.749 para 4.605.607 de empreendimentos no Brasil, em um período de 1996 há 2002, com um crescimento, demonstrado em percentual no valor de 55,8% neste período, passando a representar 93,2% do total de empresas em 1996 e aumentando para 93,6% no ano de 2002.

Pereira, Lucas e Minciotti (2008) destacam que as micro e pequenas empresas representam mais de 50% da mão-de-obra brasileira, onde em um total de 5,6 milhões de empresas, as MPE's representam 99% dos empreendimentos.

Conforme Sales (2008) houve um acréscimo de 924.117 novos empreendimentos no período de 2000 e 2004, na qual as MPE's representaram 99% do total. Analisando o crescimento das MPE's por setor, elas representaram 99% no setor de comércio, 98% dos empreendimentos no setor industrial e 97% no setor e serviços.

Em uma observação um pouco mais apurada e aprofundada sobre a importância das micro e pequenas empresas na economia brasileira, destacando todas as dimensões e atividades das MPE's, pode-se perceber ainda mais sua relevância.

De acordo com o Sebrae (2014), no período de 2009 a 2011, as MPE's no setor de serviços, comércio e indústria, representaram respectivamente:

- Serviço: cerca de 98,1% dos empreendimentos, 43,5% dos trabalhadores empregados, obtiveram uma participação de 27,8% da remuneração no período e foram responsáveis por 36,6% do valor adicionado do setor.
- Comércio: representavam 99,2% do número de empresas formalizadas, 69,5% dos empregos gerados, participaram com 49,7% das remunerações no período e produziram 53,4% do valor adicionado no setor.
- Indústria: Obtiveram uma participação de 95,5% de empresas no período, geraram 42% dos empregos no setor, foram responsáveis por 25,7% das remunerações de empregados e geraram 22,5% do valor adicionado.

O número de MPE's é expressivo até mesmo nas grandes cidades onde os grandes empreendimentos se concentram, empregando grande massa da população. Elas se destacam por atender a população nas necessidades mais básicas como: bebidas, vestuário, alimentos, higiene, calçados, como também atendem na prestação de serviços diversos nos transportes, entretenimento, acesso à internet, entre outros (SALES, 2008).

Maximiano (2006) pontuam que a base de uma economia de mercado e do estado democrático, passa pelo entendimento de que os empreendimentos de pequeno porte se revelam como um dos pilares de sustentação em todo mundo desenvolvido.

A facilidade com que se adequam as empresas de pequeno porte, a constante mudança na economia e a cada característica regional, faz com que elas contribuam com os avanços da sociedade e ao mesmo tempo, incentiva o empreendedorismo. Sendo ainda uma das principais geradoras de empregos, para uma parcela que em geral possui pouca qualificação, e uma grande geradora de tributos (IBGE, 2005).

Oliveira (2009) destaca que as micro e pequenas empresas proporcionam a inserção no mercado de trabalho, para aqueles que apresentam maior dificuldade em buscar o primeiro emprego, como também para aqueles com mais de 40 anos. Ao mesmo tempo, os pequenos empreendimentos podem operacionalizar nos locais de origem dos responsáveis, sem que seja preciso se deslocar para grandes centros econômicos, fazendo com que os pequenos centros se desenvolvam e estimulem iniciativas individuais e coletivas.

3.5 Sobrevivência e mortalidade

No que diz respeito a dificuldade que essas MPE's têm para permanecerem em atuação no mercado pode-se relatar a pesquisa do SEBRAE que traz a taxa de mortalidade empresarial entre 30 a 61% no primeiro ano de criação da empresa, passando no segundo ano entre 40 a 68% e atingindo no terceiro ano a cifra espantosa de fechamento de 55 a 73% dos novos negócios.

Para Sales (2008), a capacitação e a formação destes empreendedores tornam-se fundamentais para a sobrevivência dos pequenos negócios diante do contexto de desafios e incertezas vivenciados atualmente. Reitera que essa formação deve possuir teor focado no auto realização e na criatividade, indo além do preparo técnico gerencial e das habilidades.

Os fatores listados na pesquisa SEBRAE (2014) elencados sobre os itens mais importantes que afetam a sobrevivência das MPE's estão descritos na tabela 3 e são:

Tabela 3: Fatores que afetam as MPE's

SUCESSO	INSUCESSO
Porte de empresa- quanto maior, maior também a probabilidade de sucesso.	Empresa muito pequena – até dois empregados.
Maior escolaridade do proprietário.	Baixa escolaridade do proprietário.
Experiência prévia como funcionário de empresa similar.	Ausência de conhecimento prévio do proprietário.
Certa disponibilidade de capital.	Falta de capital.
Apoio ou ajuda de profissionais (consultoria)	Falta de apoio profissional (consultoria).
Foco no cliente e no mercado e boa concepção de negócio, vocação ou treino.	Pouca preocupação com o cliente e o mercado e concepção errada do negócio.
Empreendimento mais maduro, com mais tempo de experiência e atividade.	Origem associada a pressão social e econômica.

Fonte: Sebrae (2014)

Enumera o SEBRAE (2014) que existem diversos “fatores contribuintes” para que ocorra a mortalidade das MPEs. O fechamento destas acontece por causa de uma sucessão de fatores negativos, não se considerando uma única causa, mas um acúmulo delas. Lista-se abaixo os seis fatores contribuintes ao fechamento das MPEs:

1. ausência do comportamento empreendedor;
2. ausência de planejamento prévio a abertura do negócio;
3. deficiências na gestão empresarial (falta capacitação);
4. insuficiência de políticas de apoio;
5. problemas macroeconômicos;
6. problemas pessoais e familiares.

Já Chiavenato (2008, p. 15) lembra que, “nos novos negócios, a mortalidade prematura é elevadíssima, pois os riscos são inúmeros e os perigos não faltam. ” Diante disso ele aponta algumas das possíveis causas de mortalidade nas empresas, que são apresentadas na Tabela 4:

Tabela 4. As causas mais comuns de falhas no negócio

Inexperiência- Formação Administrativa - 62 %	Incompetência do empreendedor Falta de Experiência de campo Falta de experiência profissional Experiência desequilibrada
Fatores econômicos - 20 %	Lucros insuficientes Juros elevados Perda de mercado Mercado consumidor restrito Nenhuma viabilidade futura
Vendas Insuficientes - 07 %	Fraca competitividade Recessão econômica x atual Vendas Insuficientes Dificuldade de estoques
Despesas excessivas - 8 %	Dividas e cargas demasiadas Despesas operacionais
Outras causas - 3 %	Negligencia Capital insuficiente Clientes insatisfeitos Fraudes Ativos insuficientes

Fonte: Chiavenato (2008, p.15)

Maximiano (2006) destaca que dentre as principais razões de mortalidade das MPE nos primeiros anos de existência estão: a falta de políticas públicas que viabilizem e consolidação de novos empreendimentos; a falta de financiamento; as elevadas cargas tributárias; e por último a demora e a burocracia para se abrir e legalizar uma empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo proposto nesse trabalho, as citações dos autores citados, principalmente no SEBRAE e a análise dos livros e artigos expostos ao longo desse trabalho, foram possíveis vislumbrar que o empreendedor do século XXI deve ser proativo, inovador, persistente, motivador e visionário. Um empreendedor deve

atuar como uma liderança no seu local de trabalho, aumentando a produtividade de seus colaboradores por meio de motivação para atingir objetivos e metas específicas. Para alcançar resultados, os empreendedores devem ser detectores de oportunidades, correndo riscos inerentes e sempre buscando retorno nos lucros.

Sabe-se que o empreendedor é motivado pela visão de que o mercado possa pagar pelo seu produto ou serviço e os investidores na expectativa de ganhar algum lucro financeiro ou pessoal.

Assim, em uma observação um pouco mais apurada e aprofundada sobre a importância das micro e pequenas empresas na economia brasileira, destacando todas as dimensões e atividades das MPE's, pode-se perceber ainda mais sua relevância para uma nação.

Nota-se que as MPE's representam a maior parte de empresas constituídas no país, sendo importante a análise e o estudo dos fatores que levam estas empresas a falência, devido a sua contribuição social e econômica para o desenvolvimento de toda uma Pátria.

Dessa forma, a pesquisa identificou vários fatores que podem conduzir as Pequenas e Médias Empresas ao fracasso prematuro, o qual verificou-se que a causa da mortalidade ocorre devido a vários fatores associados que, acumulados, aceleram esse estágio, sendo os principais: incompetência do empreendedor; falta de experiência de campo; falta de experiência profissional; experiência desequilibrada, dentre outros. Portanto, não há como mencionar a mortalidade das empresas para uma causa única e sim para um conjunto de fatores que atuam em conjunto ocasionando a interrupção da continuidade das suas atividades.

ABSTRACT

ARAÚJO, Anderson Torres de. **FATORES QUE INFLUENCIAM NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**, 2016. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Ciências Contábeis, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

This study was conducted through a descriptive exploratory research and aims through a literature review to identify the factors that influence early mortality of micro and small enterprises (MSEs) and their survival in the market. To keep the company in the market and continue the production cycle, growth and job creation and income highlights the need to better manage the assets of these organizations as a way to help the continuity of these companies. It is understood that the micro and small enterprises play a key role in the Brazilian economy, they play an important role in social and economic inclusion, especially on access, participation of economic development and employment opportunities in the country. Thus, the research identified several factors that can lead the Small and Medium Enterprises to premature failure, which, it was found that the cause of death is due to several factors associated that accumulated accelerate this stage, the main being incompetence entrepreneur; lack of field experience; lack of professional experience; unbalanced experience, among others.

KEYWORDS: Micro. Mortality. Management.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A.; SILVA, C.A.T. **Administração de capital de giro**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CUNHA, Luísa Margarida A. **Modelos Rasch e escala Likert e Thurstone na medição de atitudes**. Dissertação (Mestrado em Probabilidade de Estatística – Departamento de Estatística e Investigação Operacional).2005

CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando com as pessoas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, 7ª Reimpressão.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor**. 2. ed. São Paulo : Saraiva, 2008.

DE MORI, Flávio. **Sistema Integrado de Gestão da Produção Para Pequenas e Médias Industrias**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DOS SANTOS, M. F.; BERNARDES, L. A. **Princípios que norteiam o sistema financeiro nacional**. Anuário da Produção Acadêmica Docente. vol. 4, n. 7. São Paulo: Anhaguera Educacional Ltda, 30 mar. 2006, p. 145-156.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DRUCKER, Peter F. **Introdução à Administração**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ERCOLIN, Carlos Alberto. **Fatores financeiros determinantes da mortalidade de micro e pequena empresa**. 2007. Dissertação (Mestre em Administração) – Programa de PósGraduação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo – FEA/USP. São Paulo, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIFFIN, R.W. **Introdução à administração**. São Paulo: Ática, 2007.

GONÇALVES, H.A. **Manual de Metodologia e Pesquisa Científica**. São Paulo: Avercamp, 2005

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 3ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

MAXIMIANO, Antonio Cezar Amaru. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MOREIRA, Joaquim Manhães. **A ética empresarial no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 2009.

NETO, Alexandre Assaf. **Estrutura e análise de balanços**. 9ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, D.P.R. **Introdução à administração: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2009.

ORTIGARA, A. A. (2006) **Causas que condicionam a mortalidade e/ou o sucesso das micro e pequenas empresas do Estado de Santa Catarina**. 173f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de pós-graduação em engenharia de produção, UFSC, Florianópolis.

PEREIRA, D.; LUCAS, R. B.; MINCIOTTI, S. A. **Mortalidade das micro e pequenas empresas e a aplicação das técnicas de marketing**. Revista FEAD – Minas. v. 5. 2008. p. 20-37.

SALES, R.L; PEREIRA, C. M. M. A. **As práticas de Gestão e a Mortalidade dos Pequenos Negócios**. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS. V, 2008, São Paulo SP. Anais... São Paulo: p. 13-36, nov. /2008 (ISSN 1518-4382).

SEBRAE (org.); DIEESE. **Anuário de trabalho na micro e pequena empresa: 2009**. Brasília; São Paulo: SEBRAE; DIEESE, 2010.

SEBRAE, **Serviço de Apoio às micro e pequenas empresas**. Estatísticas sobre a pequena e média empresa. São Paulo, 2016.

_____. **Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas**. Brasília: SEBRAE, ago.2014

_____. **Sobrevivência e Mortalidade das Empresas Paulistas de 1 a 5 anos, Relatório final.** SEBRAE e FIPE, São Paulo, 2010.

_____. **10 Anos de Monitoramento da Sobrevivência e Mortalidade de Empresas. Relatório final conclusivo sobre as empresas no estado de São Paulo.** São Paulo, 2008.

SROUR, Robert H. **Ética Empresarial – a gestão da reputação.** Rio de Janeiro. Campos, 2013.

SOLOMON, Steven. **A grande Importância da Pequena empresa: a Pequena empresa nos EUA, no Brasil e no mundo.** Nórdica, Rio de Janeiro, 1986.

TACHIZAWA, T. **Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2^a. ed., 2008.